



**UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ – UNESA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

BRUNO BESSA MENDONÇA

**A AVIAÇÃO DE CAÇA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA A MENTALIDADE DE DEFESA ÁREA**

NOVA IGUAÇU - RJ

2020.1

BRUNO BESSA MENDONÇA

**A AVIAÇÃO DE CAÇA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA A MENTALIDADE DE DEFESA ÁREA**

Artigo a ser apresentado à Banca do Curso Superior de Licenciatura em História da Universidade Estácio de Sá – CSLP/UNESA.

ORIENTADOR

Prof. João Cerineu Leite de Carvalho.

NOVA IGUAÇU - RJ

2020.1

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 CONTEXTUALIZANDO A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	6
2.1 AS ORIGENS E MOTIVAÇÕES DA GUERRA	9
3 O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	11
3.1 DESAFIOS INICIAIS PARA O BRASIL	12
3.2 A FORÇA AÉREA BRASILEIRA	14
3.3 A ESPECIFICAÇÃO DE UMA DOCTRINA AÉREA	15
3.4 CONSEQUÊNCIAS IMEDIATAS DA EXPERIÊNCIA DA FAB	16
4 CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	20

A AVIAÇÃO DE CAÇA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A MENTALIDADE DE DEFESA ÁREA

Bruno Bessa Mendonça¹

Prof. João Cerineu Leite de Carvalho²

RESUMO

Neste Artigo, agiu-se no sentido de correlacionar a aviação de caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial com a constituição de uma mentalidade de defesa aérea. Contextualizou-se, portanto, as principais consequências e contribuições da Segunda Guerra Mundial para o emergir de uma consciência nacional de defesa. Por consequência, o principal objetivo deste Artigo se efetivou pela análise do papel aviação de caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial, contextualizando as suas influências para o emergir de uma mentalidade de defesa no Brasil. Como necessário complemento, também foram executados 3 (três) objetivos específicos. No primeiro deles, agiu-se para contextualizar a Segunda Guerra Mundial. No objetivo seguinte, tudo foi feito para correlacionar o papel bélico desempenhado pelo Brasil na segunda Guerra Mundial, apontando as suas principais contribuições para o esforço Aliado de Guerra. Por sua vez, no terceiro objetivo específico, tudo foi feito para indicar como a experiência de combate da Força Área Brasileira (FAB) auxiliou no constituir de uma mentalidade própria de defesa área. Isto tudo foi realizado mediante uma revisão qualitativa, calcada em fontes de natureza escrita.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. História do Brasil. Aviação de caça. Brasil.

ABSTRACT

In this Article, action was taken to correlate Brazilian fighter aviation in World War II with the constitution of an air defense mentality. Therefore, the main consequences and contributions of the Second World War to the emergence of a national defense conscience were contextualized. Consequently, the main objective of this Article was made effective by the analysis of the fighter aviation role of Brazil in the Second World War, contextualizing its influences for the emergence of a defense mentality in Brazil. As a necessary complement, 3 (three) specific objectives were also implemented. In the first one, action was taken to contextualize the Second World War. In the following objective, everything was done to correlate the warlike role played by Brazil in the Second World War, pointing out its main contributions to the Allied War effort. On the other hand, in the third specific objective, everything was done to indicate how the combat experience of the Brazilian Air Force (FAB) helped to constitute an own

¹ Aluno do Curso Superior de Licenciatura em História da Universidade Estácio de Sá – CSLH/UNESA.

² Professor do Curso Superior de Licenciatura em História da Universidade Estácio de Sá – CSLH/UNESA.

defense mentality. This was all accomplished through a qualitative review, based on written sources.

Keywords: Second World War. History of Brazil. Fighter aviation. Brazil.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo, busca-se correlacionar a aviação de caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial com a constituição de uma mentalidade de defesa aérea. Para isto, contextualiza-se as principais consequências e contribuições da Segunda Guerra Mundial para o emergir de uma consciência nacional de defesa. Isto tudo será possível mediante uma revisão qualitativa, como adiante se explicará.

A priori, a relevância deste estudo se materializa devido as suas contribuições para a preservação da memória brasileira de uma época bastante importante para a humanidade. Conquanto o seu realizar se concentre sobre uma problemática de natureza estratégica, os seus resultados serão úteis para fundamentar uma consciência histórica geral sobre a evolução de nossa sociedade em um tema de suma importância: a defesa dos interesses nacionais³. No momento, observa-se que as pesquisas históricas da época não dimensionam de maneira apropriada as contribuições da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial para o amadurecimento das instituições locais de defesa⁴. Ciente disto, este Artigo visa preencher, na medida do possível, uma lacuna historiográfica, contribuindo para a preservação da memória do povo brasileiro.

No geral, a participação efetiva das Forças Armadas do Brasil em atividades bélicas no decorrer da Segunda Guerra Mundial foi bem diminuta. Isto não significa que não tenha sido importante para o esforço de guerra, porquanto foi uma contribuição válida para arrefecer as forças do Eixo, sobretudo a máquina de guerra alemã nos meses finais de combate. Conquanto o Brasil se concentrasse na campanha antissubmarino no Atlântico Sul e ao assédio às tropas alemãs no Norte

³ Langer (2018).

⁴ Mandel (2015).

da Itália, é inequívoca a contribuição da FAB para o fim do conflito. Ou seja, além do esforço marítimo e da contribuição em combates no solo, o Brasil também contou com um pequeno grupo de aviação de caça que assediava as posições alemãs no Norte da Itália, concedendo apoio aéreo as tropas do exército em paralelo. Apesar de recém formado, este grupo de combate aéreo serviu como base para a consolidação da Força Área Brasileira (FAB) nas décadas seguintes. A FAB, ou seja, Força Área do Brasil, é responsável pela defesa do espaço aéreo brasileiro mediante o uso de todos os meios aeronáuticos disponíveis. Na prática, cabe a FAB instrumentalizar a mentalidade brasileira de defesa aérea, usando todos os meios possíveis para salvaguardar os interesses do povo brasileiro.

Dito isso, indaga-se: A aviação de caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial realmente serviu como a base para o constituir de uma mentalidade de defesa aérea? Ao responder esta pergunta, será possível contextualizar as principais consequências e contribuições da Segunda Guerra Mundial para o emergir de uma consciência nacional de defesa, contribuindo para a salvaguarda dos interesses brasileiros de uma só vez. Por consequência, o principal objetivo deste Artigo se efetivará pela análise do papel aviação de caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial, contextualizando as suas influências para o emergir de uma mentalidade de defesa no Brasil. Como necessário complemento, aqui também serão executados 3 (três) objetivos específicos. No primeiro deles, busca-se contextualizar a Segunda Guerra Mundial. No objetivo seguinte, a meta será correlacionar o papel bélico desempenhado pelo Brasil na segunda Guerra Mundial, apontando as suas principais contribuições para o esforço Aliado de Guerra. Por sua vez, no terceiro objetivo específico, o intuito será indicar como a experiência de combate da Força Área Brasileira (FAB) auxiliou no constituir de uma mentalidade própria de defesa área. Ao realizá-los, será possível equacionar com segurança o problema de pesquisa na Conclusão do estudo.

Este estudo irá se realizar pela perspectiva qualitativa, explorando fontes escritas disponíveis no Google Acadêmico as quais foram publicadas nos últimos 10 (dez) anos. Sendo assim, realiza-se aqui uma revisão de conteúdo que se destina a sumariar as principais particularidades do tema investigado, esmiuçando os seus conceitos, definições, premissas e teorias mais importantes, porquanto úteis ao

equacionar paulatino do problema aqui investigado⁵. Em História, a principal vantagem desta metodologia de pesquisa é que incita um estudo relativamente rápido, sem abrir da qualidade se que deseja, de uma só vez. Isto só é viável pelo explorar sistematizado das mais importantes ideias que embasam o tema pela perspectiva de todos os autores que serão explorados no decorrer da pesquisa. Agindo desta maneira, será plausível realizar este estudo com eficácia, fundamentando a realização gradativa de todos os objetivos de pesquisa, visando a resolução apropriada do problema investigado⁶.

Quanto à apresentação do conteúdo, ele irá se suceder da seguinte maneira antes da Conclusão: Na seção inicial, contextualiza-se a Segunda Guerra Mundial, apresentando-se as suas origens. Nesta parte da pesquisa, também se agirá visando apontar as suas mais importantes contribuições para o esforço de guerra, contextualiza-se o papel bélico desempenhado pelo Brasil na segunda Guerra Mundial. Na seção final, indica-se como a experiência de combate da Força Área Brasileira (FAB) auxiliou no constituir de uma mentalidade própria de defesa área. Cada uma destas seções implica em um objetivo próprio de pesquisa, reforçando-se a qualidade geral da pesquisa.

Em suma, estas são as ideias mais importantes que serão exploradas neste estudo. Perante as suas prováveis limitações, espera-se que sejam pelo menos úteis ao debate que se efetiva em torno da problemática aqui investigada.

2 CONTEXTUALIZANDO A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

No momento, é impossível duvidar que a Segunda Guerra Mundial foi o mais grave e intenso conflito bélico travado entre as maiores potências globais. Perante o volume geral de todas as suas consequências bem como levando-se em conta todos os seus resultados, nenhum outro embate bélico direto marcou tanto a história humana quanto a Segunda Guerra Mundial (FAUSTO, 2013).

⁵ Barbosa (2010; 2016).

⁶ Lakatos & Marconi (2007; 2010).

Para vaticinar a sua importância, basta apenas dimensionar o volume total das perdas humanas que provocou. Ao lado disto, satisfariam só o nível geral de destruição que se sucedeu em inúmeras regiões, além do caos socioeconômico inerente à violência deliberada dela, que destruiu nações inteiras. Um volume tão grande de destruição, dor e morte que nunca antes se tinha registrado na história geral da humanidade (GILBERT, 2017). Certamente outras guerras, sobretudo, a Primeira Guerra Mundial, também registraram um nível considerável destruição, dor e morte, mas nenhuma delas foi tão longe. Aliás, todas as outras guerras ela superou em brutalidade, principalmente porque, ao mesmo tempo em que tudo destruía, também dava cabo à decência pela bestialização de povos inteiros. Nela, todas as conquistas éticas e morais da civilização foram esquecidas, em nome da destruição calculada de nações e povos que foram brutalmente dominados (BARNETT, 2001).

Em um primeiro momento, cogita-se que esta guerra eclodiu quando a Alemanha Nazista deliberadamente atacou a sua vizinha ao oriente, ou seja, a Polônia em 1º de setembro de 1939. No entanto, como qualquer outro conflito bélico, a Segunda Guerra Mundial já dava sinais que iria se iniciar, pois o clima político tenso bem como o desejo deliberado por violência já imperava em boa parte da Europa Central há pelo menos 6 anos (BEEVOR, 2015; EVANS, 2017). Aliás, há pelo menos 8 anos no extremo oriente asiático os nipônicos já tinham invadido boa parte do território chinês, ocupando militarmente a cobiçada região da Manchúria. Inclusive os italianos fascistas já tinham ocupado boa parte da Etiópia há 4 anos, aproveitando-se na inoperante Liga das Nações que pouco fez para frear o Japão antes. Ciente de que seria capaz de se destinar aos objetivos territoriais na Europa Central, a Alemanha, antes de 1939, já tinha se unido à Áustria e ganho de brinde toda a Tchecoslováquia obtida, mediante chantagem aplicada contra a Inglaterra e a França. Com tanto belicismo em voga, mais cedo ou mais tarde, explodiria uma guerra global ou as nações ainda livres se entregariam de bandeja às potências do Eixo (FAUSTO, 2013; GEIGER; HIRST, 2018).

Antes de dar o seu próximo passo na Europa, a Alemanha Nazista se acertava com a sua provável inimiga no oriente: A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Em tese, tanto os diplomatas da França como da Inglaterra consideraram

que ao ceder aos caprichos da Alemanha Nazista estariam criando uma forte barreira à oriente que serviria para travar a URSS. Eles parece que desconsideraram que as duas nações que eles mais temiam, isto é, a URSS e a Alemanha Nazista, poderiam se acertar previamente, gerando um ambiente ainda mais incerto em seguida. Foi bem isto que aconteceu quando os dois tiranos se acertaram pelo estabelecer de um acordo que serviria para por terra todos os esforços das democracias ocidentais em impedir uma nova guerra na Europa (HOBSBAWM, 2015). Sendo assim, em 23 de agosto de 1939 os dois 'meninos maus' selaram um pacto de não-agressão no qual já dividiram a Polônia entre si, tudo em simultâneo ao acerto de que não auxiliariam nenhuma outra nação beligerante que estivesse em guerra contra uma ou a outra (LANGER, 2018; MANDEL, 2015). O pacto foi tão satisfatório para os comunistas e nazistas que em 1940 estreitaram os laços de 'amizade' pelo estabelecimento de um acordo comercial.

Talvez a guerra não tivesse eclodido como eclodiu, se as democracias ocidentais que desejavam evitar a guerra deliberada contassem com o apoio financeiro e bélico do colosso americano. Isto, no entanto, no decorrer da década de 30 não era tão simples de consumir, visto que os americanos estavam bastante preocupados com os seus próprios problemas internos (REES, 2013). De qualquer maneira, já existia uma percepção entre eles que não apenas a Alemanha Nazista, mas que o Japão, a Itália e a URSS eram prováveis inimigos em uma guerra global que a cada dia se aproximava deles. Conquanto existisse esta avaliação em pauta, os americanos não se envolveram diretamente com as deliberações das Ligas das Nações que visavam apaziguar a belicosidade de japoneses, italianos e alemães. No máximo, atuaram no sentido de firmar um acordo marítimo que se destinava a limitar o tamanho das principais embarcações de guerra que atuavam no Oceano Pacífico, o que poderia ser útil para refrear os nipônicos. Como se sabe, apenas esta medida foi insuficiente, pois os japoneses continuaram bastante ativos no extremo oriente, pouco se preocupando com o gigante americano (PAXTON, 2017).

Em um ambiente político tão conturbado, coube as potências beligerantes do Eixo levar o mundo a um conflito global bem maior que a guerra anterior. Mesmo que não fosse desejada pelas democracias ocidentais, pouco ou quase nada elas

poderiam fazer para evitá-la, pois tudo convergia para um embate em breve, apesar do desejo contrário delas (FAUSTO, 2013). Perante o cinismo deliberado de japoneses, italianos e alemães, o qual se reforçou bastante com o oportunismo da URSS, a guerra se inicia no mês de setembro de 1939, quando os nazistas sucedidos pelos comunistas dão os seus primeiros passos para dividirem entre si a Polônia (BARNETT, 2001).

Com a Polônia invadida, finalmente as democracias ocidentais começaram a reagir, mergulhando o restante do mundo em uma guerra que duraria 6 (seis) anos, quando o Japão foi forçado a se render incondicionalmente, logo após os primeiros ataques nucleares em Hiroshima e Nagasaki (BEEVOR, 2015).

2.1 AS ORIGENS E MOTIVAÇÕES DA GUERRA

Talvez não pareça, mas origens da Segunda Guerra Mundial remontam ao fim inadequado do conflito global que lhe antecedeu. Se a Grande Guerra, como ela já era denominada entre franceses e ingleses, tivesse experimentado um final menos inadequado, talvez o conflito global teria sido evitado (EVANS, 2017). Se não isto, ele poderia ter ocorrido de maneira diferente.

Qualquer guerra tem sempre como motivação primeira questões vitais ou que interessam diretamente as partes beligerantes. Em muitas ocasiões, guerras são evitadas mediante acordos diplomáticos prévios os quais buscam equalizar interesses distintos, fortalecendo uma base comum de algumas premissas que sejam úteis de parte a parte. Isto, no decorrer da década de 30 buscou-se realizar (GEIGER; HIRST, 2018). Em certa medida até que foi possível em algumas ocasiões ou pelo menos aparentava que daria certo. Na prática, não deu certo porque as nações do Eixo a cada conquista que conseguiam na esfera diplomática expandiam em seguida as suas exigências, alimentando um ambiente geral que eclodiria em uma guerra, uma hora ou outra. Ou guerra aconteceria ou as nações do Eixo alcançariam incólume os seus objetivos, até aniquilarem as democracias ocidentais. Além de uma origem anterior bem evidente, as motivações primárias da Segunda Guerra Mundial também podem, portanto, remontar aos fins que provocaram o conflito global anterior (FAUSTO, 2013).

Como tal, ela se sumaria no desejo de imposição global dos seus principais personagens, os quais não temiam as consequências de uma nova guerra global contra as nações democráticas que aparentemente se deram bem com o fim da Primeira Guerra Mundial.

Nesta perspectiva, constata-se que se as origens da Segunda Guerra Mundial remontam aos resultados concretos da Primeira Grande Guerra, as suas motivações também assim se sucede. Ou seja, ela se motivou no desejo das nações beligerantes do Eixo, complementadas pela participação na penumbra da URSS, em estabelecer os seus respectivos impérios globais. Como tal, isto não seria possível sem que acontecesse um embate bélico global, o que implicaria em um volume geral de perdas bastante elevado para todos os lados (GILBERT, 2017). Para japoneses, italianos e alemães, além dos comunistas da URSS, isto pouco importava, pois apostaram que seriam vitoriosos em um embate de tamanha envergadura. Desta maneira cogitavam porque tinham ciência do quanto as democracias ocidentais hesitariam em uma guerra que poderia levá-las à bancarrota, alijando-as de suas posses coloniais. Enquanto as potências do Eixo se expandiam ao custo de outras nações de menor monta, pouco se fez para refreá-las, além das intermináveis conversas diplomáticas. Quando se viu não iria adiantar negociar mais, a guerra se iniciou (HOBSBAWM, 2015).

Na Primeira Guerra Mundial, japoneses, italianos e russos enfrentaram a Alemanha. Desta maneira aconteceu para os dois primeiros porque desejam expandir as suas próprias posses, beneficiando-se do enfraquecimento das potências centrais que eram lideradas pela Alemanha e o cambaleante Império Austro-Húngaro (LANGER, 2018). Para a Rússia dos Czares, a guerra de 1914 serviria para consolidá-la de vez na Europa Oriental ou quem sabe para auxiliá-la a se expandir pelo centro e o extremo sul continente, expandindo-se em direção ao Balcãs. Enquanto os Russos saíram enfraquecidos do embate, os japoneses e italianos não se sentiram adequadamente recompensados com o fim da guerra. Por isto que os primeiros, isto é, os comunistas da URSS, herdeira direta do findo Império Russo, se acertaram com os Alemães Nazistas, em simultâneo à aliança ideológica dos outros dois ao antigo adversário (MANDEL, 2015). Se isto não tivesse se sucedido, dificilmente a Segunda Guerra Mundial teria se materializado da maneira que aconteceu.

Para as democracias ocidentais, a motivação principal da guerra se resumia em se defender, limitando o expandir sistemático das potências do Eixo, garantindo as suas posses e colônias. Não seria tão simples algo tão complicado de se manter, principalmente perante a motivação das potências do Eixo que estavam dispostas em empreitar um embate global custe o que custar (REES, 2013). Ao se deparar com adversários tão motivados, os resultados imediatos dificilmente seriam distintos daquilo que veio acontecer nos anos de guerra. Todas as nações que iniciaram a guerra eram orientadas por regimes totalitários que tendiam a desconsiderar a diplomacia como ferramenta útil ao sobreviver qualificado de todos os personagens globais. Portanto, não temiam oposição interna e pouco se importavam com as próprias perdas, haja vista que não tinham limite ético e moral nenhum quando se tratava de suas ambições territoriais no mundo (PAXTON, 2017).

A motivação geral das potências do Eixo, além do desejo de se impor no mundo de um provável aliado inesperado, ou seja, da URSS, eram tantas que foram incapazes até de se unirem de forma qualificada. Por consequência, não é à toa a traição da Alemanha Nazista quando invadiu as possessões dos comunistas em junho de 1941, selando o seu próprio destino nos anos seguintes, culminando em uma avassaladora derrota em maio de 1945 (BARNETT, 2001; BEEVOR, 2015). Do mesmo jeito, não é por acaso a total ausência de sincronia das ações bélicas da Itália e do Japão em relação aos movimentos executados pela poderosa Alemanha Nazista (EVANS, 2017).

Todos eles eram tão centrados em suas próprias motivações que contribuíram para derrocada de todos os outros. A ressalva possível aqui se vislumbra apenas na URSS que se beneficiou da aliança inesperada com as democracias ocidentais (LANGER, 2018).

3 O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A entrada do Brasil na guerra, ao lado dos Aliados, não se sucedeu de imediato e nem foi tão simples quanto se poderia cogitar antes do embate. Além do seu distanciamento histórico dos embates europeus, o Estado brasileiro na época do

embate não evidenciava um alinhamento preciso com as democracias ocidentais que se concentravam no grupo dos Aliados. Aliás, prevalecia sensação de que, se o Brasil entrasse na guerra, poderia pender para o lado do Eixo devido a simpatia que nutria aos regimes nazifascistas (TEIXEIRA, 2015).

Nos primeiros anos da guerra, o Brasil buscou se manter, na medida do possível, neutro da guerra, mantendo contatos com os dois lados, além não abrir mão das vantagens comerciais que poderiam surgir no decorrer do embate. Com o tempo, todavia, a suposta neutralidade que o Brasil queria demonstrar aos países em guerra pedia bastante para o lado dos Aliados, ratificando a tendência que já era bem nítida na diplomacia brasileira em ceder apoio a ingleses e americanos. Esta 'queda' para o lado das democracias ocidentais não se vaticinava por uma declaração de guerra formal contra qualquer uma das potências do Eixo. Na verdade, se os navios brasileiros não tivessem sido atacados, parece que o Brasil não teria participado de forma efetiva da guerra. Para o agrado de americanos e ingleses, submarinos do Eixos começaram a afundar navios de bandeira brasileira, desrespeitando a neutralidade do regime do senhor Getúlio Vargas (OLIVEIRA, 2019).

Apesar da iniciativa do Eixo, o Brasil apenas declarou guerra contra as potências do Eixo logo após uma intensa agitação popular que exigia do regime vigente uma resposta apropriada aos ataques feitos na costa brasileira. De qualquer jeito, apenas em 1944 realmente o esforço de guerra brasileiro pode contribuir de forma efetiva com os Aliados em uma frente de combate na Europa. Antes disto, apenas as atividades de patrulha e de caça antissubmarino já feitas com o apoio dos americanos ao longo do Atlântico Sul (GIBBONS, 2016).

3.1 DESAFIOS INICIAIS PARA O BRASIL

Talvez se pense que o Brasil não pendeu logo para o lado dos Aliados porque existia uma simpatia pelas doutrinas nazifascistas. Talvez se cogite porque existia uma estratégia deliberada de explorar ao máximo um provável acordo com os americanos para apoiá-los contra as potências do Eixo (GILBERT, 2014).

Evidentemente, estes fatores devem ser considerados, mas eles não foram as únicas motivações para a contemporização do governo brasileiro. Ao lados deles, também é importante inserir a debilidade militar das forças armadas brasileiras as quais não estavam em condições de se envolver em um embate tão grave. Se não existiam os meios bélicos no momento, não seria sensato pender para um dos dois lados. Aliás, foi bem isto que se sucedeu na época (SKIDMORE, 2018).

Para o Brasil, a Segunda Guerra Mundial foi um divisor tanto em doutrina como também na concepção de materiais bélicos. Mesmo não contando com parque industrial capaz de suprir as necessidades estratégicas das forças armadas, o Brasil foi bastante suprido pelos Estados Unidos, logo após a sua adesão ao esforço de guerra dos Aliados. Boa parte deste suprimento visava corrigir a obsolescência do arsenal brasileiro, além de reforçá-lo para pelo menos registrar um desempenho razoável em combate (BONALUME NETO, 2015).

Além da deficiência qualiquantitativa em armas, as forças armadas do Brasil careciam de um efetivo adequado ao esforço de guerra. Assim se sucedia porque não existiam soldados suficientes para enviá-los aos principais teatros de operações, ao mesmo tempo em que o treinamento era defasado. Evidentemente, o oficialato, bem como o quadro de suboficiais tinham consciência de que seria necessário ampliar o quantitativo geral de praças mediante o alistamento compulsório dos jovens aptos para o serviço militar. Esta medida, todavia, não seria suficiente para conceder ao Brasil a possibilidade de manifestar um bom desempenho em combate. Ou seja, seria preciso impor um programa intensivo de treinamento dos conscritos visando prepará-los para os desafios da guerra. Entre os oficiais e suboficiais, esta necessidade também carecia de pronta correspondência, visto que a doutrina praticada nas escolas de formação não condizia com a abordagem inglesa e, sobretudo, com a americana (TEIXEIRA, 2015).

Entre a década de 30 e o início da década de 40, duas perspectivas prevaleciam na formação do oficialato, na formação de suboficiais e no treinamento básico dos praças. Estas escolas eram a francesa, vitoriosa na Primeira Guerra Mundial, e a perspectiva alemã em menor grau. Apesar de existir uma orientação doutrinária, as forças armadas do Brasil não dispunham de material bélico e nem

quantitativo humano para participar de forma efetiva em um conflito não intrincado quanto a Segunda Guerra Mundial. Doutrina para a formação técnica do efetivo é indispensável em qualquer força armada. Isto, no entanto, é apenas uma das variáveis que deve ser levada em conta na estratégia de defesa de qualquer país. Além dela, é indispensável contar com os equipamentos adequados à defesa dos objetivos bélicos que são necessários a salvaguarda territorial bem como pela guarida qualitativa do povo (OLIVEIRA, 2019).

Tanto para qualificar a formação do efetivo como também para a aquisição de equipamentos, é imprescindível o custeio adequado das despesas que irão se suceder nestas duas situações. Talvez se cogite que uma outra seria mais importante para a montagem de uma força armada capaz de contribuir com o esforço de guerra dos Aliados. Na prática, de nada adianta, contudo, a qualificação da tropa, ausentando-se armas. Do mesmo jeito que pouca utilidade terão as armas, se não existisse soldados para usá-las. Por isto que logo após a declaração de guerra do Brasil contra as forças do Eixo foi preciso elaborar um plano de formação para tropa, complementado pela aquisição de novas armas aproveitando-se das linhas de crédito vantajosas mantidas pelos Estados Unidos na época (GIBBONS, 2016).

Tudo isso, as autoridades brasileiras tinham necessidade de apresentar soluções apropriadas, antes de envolver as suas forças armadas em ações bélicas ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Em parte isto foi feito, o que possibilitou a participação da marinha em campanha antissubmarino no Atlântico Sul, além do envio de uma divisão do exército para lutar aderido ao 5º Exército Americano no avanço dos aliados pelo Norte da Itália (GILBERT, 2014). Ela também possibilitou o constituir de um grupo de caças para conceder apoio aéreo às atividades em solo, mediante a ação da recém criada Força Aérea Brasileira (FAB).

3.2 A FORÇA AÉREA BRASILEIRA

A Força Aérea Brasileira (FAB) foi criada em 20 de janeiro de 1941. Como tal, foi possível estabelecê-la pela fusão das unidades aéreas da Marinha e do Exército que já existiam naquele momento (SKIDMORE, 2018).

A priori, além do transporte de cargas e da comunicação entre as mais variadas regiões do Brasil, o serviço aéreo do Exército se destinava as operações de apoio, bombardeio e reconhecimento. Por sua vez, as aeronaves que a Marinha dispunha também executavam atividades mais ou menos semelhantes, diferenciando-se apenas o espaço em que operavam com maior frequência. Sendo assim, com a criação de mais uma unidade nas forças armadas do Brasil não existia a intenção de oferecer um apoio bélico para uma atividade nova. A intenção, na realidade, era se aproveitar das aeronaves da Marinha e do Exército para montar um ramo novo de defesa considerando as experiências de combate que já eram conhecidas das ações dos nazistas e ingleses na Europa. Para algo deste tipo, era preciso, evidentemente, dispor de um quantitativo de aeronaves suficientes, além de um efetivo mínimo para operá-las. Nestas condições seria plausível a montagem de uma força aérea no Brasil capaz de garantir a soberania do espaço aéreo brasileiro (BONALUME NETO, 2015).

A montagem da Aeronáutica se acelerou bastante com entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados em 22 de agosto de 1942. Foi a partir deste data que se iniciou a concepção de uma doutrina de combate capaz de qualificar a FAB para as atividades de combate, adequando-se ao esforço de guerra dos ingleses e, sobretudo, dos americanos na luta antissubmarino no Atlântico Sul e no transporte e no apoio de tropas (TEIXEIRA, 2015).

3.3 A ESPECIFICAÇÃO DE UMA DOCTRINA AÉREA

Atividades bélicas de qualquer natureza, implicam no planejamento, na organização, na direção e no controle de todos os meios e recursos militares mediante o efetivo consumo da missão das forças armadas: a salvaguarda da integridade pátria. Para isto, é importante identificar, analisar e compreender as ameaças que precisam ser enfrentadas pela força aérea para que ela seja assertiva no desempenho de sua missão (OLIVEIRA, 2019).

Como a FAB foi criada em um momento de guerra, a sua estratégia básica de operação deveria se enquadrar as atividades de combate que iriam se suceder. Para isto, naquele momento, foi importante enquadrá-la no esforço de guerra dos Aliados,

o que implicava na execução de atividades de patrulha antissubmarino para preservar as linhas de abastecimento no Atlântico Sul. Posteriormente, a FAB também começou a se especializar em atividades de transporte, além de iniciar a formação dos primeiros pilotos de combate, os quais eram destinados ao apoio de tropas em terra. Todas estas atividades eram idealizadas e colocadas em prática considerando o esforço geral de guerra dos Aliados (GIBBONS, 2016). Ao atuar desta maneira, a FAB pode ir desenvolvendo em paralelo uma doutrina de operação, que lhe seria útil para a criação de uma mentalidade de defesa aérea nos anos seguintes.

Portanto, além da missão básica de transporte de cargas e tropas, a FAB se especializou em duas atividades bastante importantes ao esforço de guerra dos aliados. A primeira delas se efetivou pela complicada, porém necessária, luta antissubmarino mediante atividades de patrulha e ataque no Atlântico Sul (GILBERT, 2014). A outra atividade que a FAB se especializou na guerra se materializa pelo uso de aviões de caça em ações de apoio e ataque ao solo, concedendo meios para as missões da Força Expedicionária Brasileira (FEB) em terras italianas.

3.4 CONSEQUÊNCIAS IMEDIATAS DA EXPERIÊNCIA DA FAB

Qualquer atividade bélica implica no assimilar de muitas experiências que poderão ser favoráveis ao constituir de uma mentalidade de defesa (SKIDMORE, 2018). Sendo assim, com o término da guerra, a FAB, além da posse dos equipamentos usados para transporte, patrulha e combate, se beneficiou em dois pontos (TEIXEIRA, 2015):

- ◆ Especialização comprovada em atividades oceânicas, ao empreender o traslado de cargas, além vigilância e patrulha marítima de longo curso (GILBERT, 2014). Com isso, a FAB assimilou conhecimento em atividades vitais para o domínio do espaço aéreo na amplitude oceânica do Atlântico Sul;
- ◆ Capacidade ataque ao solo e apoio aéreo para atividades desenvolvidas em terra pelas tropas. Em fases finais de qualquer guerra, é importantíssimo minar ao máximo, se não eliminar por completo, a capacidade de combate do inimigo. Nisto a FAB se especializou bastante, ao empreender uma grande quantidade de missões de

ataque as posições defensivas dos alemães no norte da Itália. Tudo isto também concedeu ao Brasil uma grande quantidade de combatentes experientes em atividades de combate ao solo (BONALUME NETO, 2015). No geral, qualquer força de combate se reforça muito quando conta com efetivos experientes os quais serão úteis para a formação do efetivo futuro.

Por isso, a principal consequência do envolvimento do Brasil na segunda guerra mundial, pela participação da FAB, se evidencia pela formação de uma força de combate capaz de cumprir inúmeras atividades vitais à defesa pátria (TEIXEIRA, 2015). Disto alcançado, foi possível estabelecer pelo menos a base de uma doutrina apta ao emergir de uma mentalidade de defesa do espaço aéreo brasileiro.

4 CONCLUSÃO

Neste Artigo, agiu-se no sentido de correlacionar a aviação de caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial com a constituição de uma mentalidade de defesa aérea. Contextualizou-se, portanto, as principais consequências e contribuições da Segunda Guerra Mundial para o emergir de uma consciência nacional de defesa.

No momento, observa-se que as pesquisas históricas da época não dimensionam de maneira apropriada as contribuições da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial para o amadurecimento das instituições locais de defesa. Ciente disto, este Artigo visa preencher, na medida do possível, uma lacuna historiográfica, contribuindo para a preservação da memória do povo brasileiro.

A priori, a relevância deste estudo se materializa devido as suas contribuições para a preservação da memória brasileira de uma época bastante importante para a humanidade. Conquanto o seu realizar se concentre sobre uma problemática de natureza estratégica, os seus resultados serão úteis para fundamentar uma consciência histórica geral sobre a evolução de nossa sociedade em um tema de suma importância: a defesa dos interesses nacionais.

Por consequência, o principal objetivo deste Artigo se efetivou pela análise do papel aviação de caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial, contextualizando as suas influências para o emergir de uma mentalidade de defesa no Brasil. Como

necessário complemento, também foram executados 3 (três) objetivos específicos. No primeiro deles, agiu-se para contextualizar a Segunda Guerra Mundial. No objetivo seguinte, tudo foi feito para correlacionar o papel bélico desempenhado pelo Brasil na segunda Guerra Mundial, apontando as suas principais contribuições para o esforço Aliado de Guerra. Por sua vez, no terceiro objetivo específico, tudo foi feito para indicar como a experiência de combate da Força Área Brasileira (FAB) auxiliou no constituir de uma mentalidade própria de defesa área. Isto tudo foi realizado mediante uma revisão qualitativa, calcada em fontes de natureza escrita.

Dito tudo isso, indaga-se mais uma vez: A aviação de caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial realmente serviu como a base para o constituir de uma mentalidade de defesa aérea?

Perante as possibilidades inerentes ao uso estratégico da aviação de caça, constata-se que é possível sim considerar que o uso desta arma serviu como base para o constituir de uma mentalidade de defesa aérea. Isto, no entanto, não significa que as forças armadas do Brasil mudaram totalmente de patamar com a inserção de uma doutrina e de novos equipamentos de combate mediante o inserir qualificado dos aviões de combate. Isto não aconteceu porque a quantidade dos aviões adquiridos não seria suficiente para oferecer uma boa cobertura aérea, ao mesmo tempo em que não eram inteiramente qualificados para este tipo de atividade tão peculiar. Tanto a quantidade como o tipo de equipamento deveriam, portanto, passar por melhorias para implicar em uma defesa aérea de maior qualidade, salvaguardando a soberania aérea do Brasil.

Por qual razão a FAB (Força Aérea Brasileira) não recebeu uma maior quantidade de aeronaves? Naquele momento, não havia a necessidade disto visto que os Aliados já possuíam a supremacia do espaço aéreo do teatro europeu. Aliás, este predomínio era tanto e tão elevado que o grupo de caças do Brasil que combateu no norte da Itália se destinava as atividades de apoio e ataque picado, concentrando-se em esfacelar ainda mais a máquina de guerra alemã em solo. Isto só foi possível porque já eram incapazes de oferecer uma resistência aérea mínima.

Além dessas aeronaves que foram usadas para as missões de apoio à Força Expedicionária Brasileira (FEB), a FAB só dispunha de aeronaves de patrulha

marítima e de transporte logístico. Apesar da utilidade delas, não seriam adequadas para a missão de defesa do espaço aéreo brasileiro. Por isto que apenas em parte a aviação de caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial realmente serviu como a base para o constituir de uma mentalidade de defesa aérea. Pelo menos contribuiu para a formação de um corpo de oficiais que entendiam o quanto seria importante para o Brasil pensar e montar uma estratégia própria de defesa da soberania aérea do nosso espaço. Eis aí uma contribuição que sucedeu.

Em suma, são estes os resultados derradeiros desta breve pesquisa. Ciente da possibilidade de ampliá-lo no porvir, espera-se que ela sirva pelo menos como um provável ponto de partida para outros estudos que se debruçam sobre problemática mais ou menos semelhante àquela que se finda neste ponto.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Flávio Alves. **Descomplicando o Complicado**: Aprendendo a Fazer Uma Monografia em Três Dias. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2010.
- _____. **Descomplica Monografia**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2016.
- BARNETT, Correlli (org.). **Os Generais de Hitler**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. 2ª Ed. São Paulo: Record, 2015.
- BONALUME NETO, Ricardo. **A Nossa Segunda Guerra**: Os Brasileiros em Combate. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2015.
- EVANS, Richard J. **Terceiro Reich no Poder**. 3ª Ed. São Paulo: Crítica, 2017.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.
- GEIGER, Paulo; HIRST, John. **A Mais Breve História da Europa**. São Paulo: Sextante, 2018.
- GIBBONS, David. **A Compacta História da Segunda Guerra**. São Paulo: Universo dos Livros, 2016.
- GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**: Os 2.174 Dias que Mudaram o Mundo. São Paulo: Leya Brasil, 2014.
- _____. **A História do Século XX**. São Paulo: Crítica, 2017.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: O Breve Século XX (1914 - 1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LANGER, Walter C. **A Mente de Adolf Hitler**. São Paulo: LeYa, 2018.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- _____. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- MANDEL, Ernest. **O Significado da Segunda Guerra Mundial**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 2015.
- OLIVEIRA, Dennison de. **Para Entender a Segunda Guerra Mundial**: Síntese Histórica. Curitiba: Juruá, 2019. OLIVEIRA, Dennison de. **Para Entender a Segunda Guerra Mundial**: Síntese Histórica. Curitiba: Juruá, 2019.
- PAXTON, Robert Owen. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

REES, Laurence. **O Carisma de Adolf Hitler**. São Paulo: LeYa, 2013.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma História do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

TEIXEIRA, Anderson Matos. **FAB - Força Aérea Brasileira: Os Reflexos do Alinhamento com os Estados Unidos entre 1941 e 1948**. Curitiba, Juruá, 2015.